

Juntos somos mais fortes: a nova agenda para a África e Europa em 2021

Obiageli Ezekwesili e Suma Chakrabarti | Março 2021

2021 será um ano importante para as relações entre África e Europa. A pandemia da Covid-19 constituiu um rude golpe para ambos os continentes em termos humanos e económicos. O caminho para a recuperação é longo e incerto. Embora as campanhas de vacinação prossigam a um ritmo sustentado em alguns países europeus, os progressos não são uniformes.

Quanto a África, foi bom ver o primeiro carregamento com vacinas aterrar no Gana ([first cargo with vaccines landing in Ghana](#)) esta semana, após um compromisso renovado dos países do G7 em apoiar a Covax e em partilhar os seus excedentes de vacinas. Contudo, existe uma diferença abismal entre os dois continentes em termos de progressos. Há quem fale de uma nova “diplomacia da vacina” ([vaccine diplomacy](#)) para dar início a uma nova parceria mais equitativa entre África e a Europa. Será que irá funcionar?

Na melhor das hipóteses, os sinais são mistos. Aparentemente, a tão aguardada Cimeira de alto nível União Africana/União Europeia (UA-UE), adiada a partir de 2020, será de novo adida.

Uma minicimeira virtual prevista para dezembro em torno da cimeira dos líderes do Conselho Europeu foi cancelada à última hora por Cyril Ramaphosa, o então Presidente da Comissão da União Africana, invocando o pouco interesse manifestado pelos Chefes de Estado. A atual Presidência portuguesa da UE está empenhada em marcar a data para uma cimeira na Primavera, mas a pandemia da Covid-19 não contribui para melhorar a situação e a UA ainda não confirmou uma data que lhes convenha. Com ou sem cimeira, será necessária uma parceria mais forte entre a Europa e África com vista à recuperação da pandemia e há que fazer mais progressos em 2021.

Covid-19: uma lição de cooperação internacional

Para atingir este objetivo, temos de rever completamente o que mais importa para ambos os continentes. Se a Covid-19 nos ensinou alguma coisa, é que precisamos de mais cooperação para abordar os desafios globais, tirando partido dos pontos fortes de todos e beneficiando das experiências mútuas. Por exemplo, com base na experiência passada em gerir pandemias, a experiência adquirida da resposta africana à Covid-19 ([African response to Covid-19](#)) e como a cooperação intra-africana foi crucial para controlar a propagação do vírus, pode ser muito enriquecedora.

Tal aprendizagem pode ajudar o mundo a planear melhor as futuras ameaças globais à saúde. Os vírus não precisam de vistos, por isso é necessário haver sistemas comuns e integração que nos permitam trabalhar em conjunto para enfrentar futuras pandemias.

De igual modo, é agora imperativo colaborar para assegurar um acesso equitativo às vacinas, para garantir a segurança de todos e acelerar a recuperação transfronteiriça.

Questões políticas urgentes como via para uma colaboração mais estreita

Devemos, em seguida, concentrar a nossa atenção nas questões políticas mais urgentes que a África e a Europa podem abordar em conjunto. Este imperativo pressupõe colaborar

numa escala mais ampla, em detrimento de “projetos”, com vista a resolver os grandes desafios globais, tais como as alterações climáticas, pandemias, o comércio e o futuro do trabalho. Já se vislumbram progressos em algumas áreas ([progress is being made on some areas](#)).

A cooperação para o desenvolvimento será mais do que nunca necessária para apoiar a redefinição pós Covid-19 em toda a África, isto é, adaptar os instrumentos financeiros e as prioridades a esta nova realidade ([adapting financial instruments and priorities to this new reality](#)). Temos também de abordar os atuais desafios e desacordos não resolvidos ([unresolved challenges and disagreements](#)), tais como a espinhosa questão da migração entre os dois continentes.

Nos últimos anos, a Europa perdeu a oportunidade de trabalhar em conjunto com a África com vista a gerir a realidade da mobilidade humana como uma questão de prosperidade e de oportunidades partilhadas. Em vez disso, tem-se concentrado na questão da migração numa ótica de segurança, contenção e dissuasão.

Agora, é tempo de seguir em frente. Para abordarmos e resolvermos estas tensões, necessitamos de investimentos e de uma nova visão mais arrojada, aliada a uma ação decisiva.

Alianças renovadas exigem novas perspetivas

As novas perspetivas partem do princípio de que África e Europa são vizinhos e parceiros estratégicos. Isto significa explorar as várias dimensões da cooperação regional ([regional cooperation](#)), aproveitando e reforçando as atuais plataformas e instrumentos tanto africanas como da União Europeia, bem como os bancos de desenvolvimento regionais e outros intervenientes centrais.

Relativamente às questões políticas que continuam a suscitar dificuldades, precisamos de investir com renovado vigor no multilateralismo associado à formação de alianças novas ou reforçadas. O compromisso renovado dos Estados Unidos nos processos internacionais proporciona uma oportunidade de intensificar a colaboração global em questões chave, pelo que a UE e a UA têm agora uma oportunidade única de imprimir um novo tom nas relações transatlânticas.

A concorrência entre os EUA e a China representa uma oportunidade para a Europa acelerar e construir parcerias estratégicas em todo o mundo, em especial em África. Resumindo, este é um momento único para se conceber um novo quadro de cooperação multilateral pós-Covid, e África é o aliado mais natural da Europa.

Em segundo lugar, África representa uma oportunidade de negócio para a Europa. É do interesse da Europa deixar de ver África como um caso humanitário, mas sim sob um prisma comercial.

Para tal, é necessário haver uma mudança de mentalidades e perspetiva por parte da UE. Por exemplo, a África contribuirá extraordinariamente para a oferta de qualificações de modo a satisfazer as necessidades demográficas europeias. Isto só poderá ser reforçado pelas lacunas do mercado de trabalho imediatas e a longo prazo em setores essenciais para a recuperação, dos cuidados de saúde aos cuidados sociais e à agricultura. A conceção de mecanismos destinados a gerir parcerias de competências e regimes de concessão de vistos ([skills partnerships](#) e [visa regimes](#)) será fundamental e requer uma parceria de confiança entre a África e a Europa nesta matéria. Algumas das propostas apresentadas no novo pacto para a migração apontam neste sentido, mas terá de haver

mais iniciativas ([but a lot more needs to happen](#)) para fazer com que as chamadas “Parcerias de Talentos” se concretizem para beneficiar ambos os continentes.

Os benefícios da migração não se obtêm apenas com a ajuda dos Estados

É essencial que haja ajuda por parte de fundações privadas, empregadores e investidores, aliados à diáspora e às organizações de trabalhadores, que permitam aprofundar a cooperação no domínio da migração, do clima e do comércio nos próximos anos.

Sabemos que a mobilidade humana pode ser um poderoso vetor de desenvolvimento económico ([human mobility can be a powerful engine of economic development](#)). O excesso de restrições limitam as vantagens decorrentes para todos aqueles que partem e para aqueles que ficam. Os empregadores necessitam de ter acesso aos recursos e às competências, independentemente da sua origem. Isto assume ainda maior importância na atual era da digitalização e da transição para tecnologias de baixo teor de carbono ([low-carbon transitions](#)). As economias terão de mudar e adaptar-se, sendo que serão necessárias novas competências para empregos novos e diferentes.

Não podemos simplesmente dar-nos ao luxo de ter políticas de migração que limitem o acesso aos mercados de trabalho e as oportunidades que a migração pode trazer às economias e sociedades. Por último, a Europa necessita de uma abordagem mais sofisticada e eficiente ao investimento no setor privado em África ([private sector investment in Africa](#)). É de notar que muitas PME europeias gostariam de expandir a sua atividade para África, mas para que tal seja possível são necessários sistemas, vistos e apoio.

O foco nas comunidades locais e cidades

Pensando no futuro, têm de ser efetuados mais e melhores investimentos nas comunidades locais e cidades. Embora os governos nacionais tenham poderes em matéria de políticas de migração, temos visto cada vez mais dirigentes políticos locais tomarem medidas decisivas de colaboração em ações transfronteiriças.

Um grupo de autarcas visionários de cidades de toda a África e Europa, liderados por Milão e Freetown, estão a trabalhar em conjunto para tornar as suas cidades locais de oportunidades onde os jovens possam prosperar, onde a mobilidade seja uma escolha, e onde os recém-chegados possam encontrar um lar. O Pacto de Autarcas sobre Crescimento e Solidariedade ([Mayors Dialogue on Growth and Solidarity](#)) que daí resulta é uma iniciativa liderada pela cidade que oferece soluções práticas para a mobilidade humana, conjugando esforços e recursos a fim de colaborar em setores chave do desenvolvimento urbano, incluindo competências para as chamadas “economias verdes”, habitação e outros serviços e governação local inclusiva.

A sociedade civil – e a juventude em particular – em África e na Europa desempenha um papel fundamental na luta contra a retórica anti-imigração, mas também na defesa da inovação local. As parcerias entre organizações da sociedade civil (OSC) estão frequentemente envolvidas na busca de formas práticas de gerir mudanças tecnológicas e de competências. Ao mesmo tempo, são as OSC que têm mantido os governos europeus sob controlo no que diz respeito às violações dos direitos humanos, sobretudo desde a chamada “crise migratória” de 2015.

Os grupos de jovens em África e na Europa podem mudar a narrativa de perceber historicamente as relações África-Europa através do comércio transatlântico de escravos e do colonialismo. Assim, é um investimento inteligente fornecer apoio e instrumentos para que os jovens colaborem entre continentes e resolvam, em conjunto, os desafios globais.

Por último, aprendemos que abordar questões galvanizantes como a migração com apenas provas económicas, vantagens e números não é suficiente para persuadir os políticos europeus a ajudar a mudar a narrativa ([*economic evidence, benefits and figures alone is not enough to persuade*](#)). Precisamos de um diálogo franco sobre esta matéria, de grupos de reflexão, fundações e outros intervenientes que possam desenvolver e testar propostas práticas para colmatar o fosso entre as narrativas políticas ([*political narratives*](#)) e as realidades das pessoas deslocadas. Este diálogo deve estar associado ao nosso esforço coletivo em todo o Mar Mediterrâneo para que, como parceiros, possamos emergir da Covid-19 mais fortes e em pé de igualdade.

*Este blogue foi publicado pelo [ODI](#) e pela fundação [Robert Bosch Stiftung](#). Reflete a conversa tida durante o evento “Inovação nas relações África-Europa para além da Covid-19” ([*Innovation in Africa-Europe relations beyond Covid-19*](#)), que fez parte de uma série de encontros organizados pelo [ODI](#) e a [Robert Bosch Stiftung](#), em parceria com a [Fundação Calouste Gulbenkian](#) e a [Open Society Foundations](#).*